

## **Notas iniciais sobre o perfil do cinema itinerante no Nordeste**

Lady Dayana Silva de OLIVEIRA<sup>1</sup>  
Maria Helena Braga e Vaz da COSTA<sup>2</sup>

### **Resumo**

Os projetos de cinema itinerante realizados no Brasil permitem o estabelecimento de um ritual contemporâneo que extrapola o espaço da sala de cinema tradicional. Projeções itinerantes são realizadas na maioria dos estados da região Nordeste, e proporcionam ao público espectador um contato com produções cinematográficas contemporâneas, sejam elas nacionais ou estrangeiras. Neste artigo apresentamos uma discussão inicial sobre esses projetos na perspectiva de contribuir para uma reflexão e entendimento do importante papel do cinema itinerante no Brasil, chamando a atenção para a dimensão do seu impacto no Nordeste.

**Palavras-chave:** Comunicação. Cinema itinerante. Políticas públicas.

### **Abstract**

The Brazilian itinerant film projects establish a new contemporary ritual which extrapolates the traditional space of the movie theatre. These 'itinerant films' are shown in most states in the Northeast of Brazil, and provide the viewing public a contemporary film productions, being they national or foreigners. In this article we discuss about the itinerant cinema within the Brazilian context to contribute for the understanding of the important role played by it within the context of the Northeast Brazil.

**Keywords:** Communication. Itinerant cinema. Public Politics.

---

<sup>1</sup>Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia PPGEM/UFRN. E-mail: dayanaoliveiras@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Pós-Doutora em Cinema pelo International Institute – University of California at Los Angeles – UCLA. E-mail: mhcosta@ufrnet.br



## **Introdução**

Imagine uma grande tela ao ar livre num espaço aberto ao público e centenas de cadeiras. Ao redor, motocicletas e calçadas se transformam em poltronas. No local, toda a expectativa da comunidade ansiosa para o início da exibição do filme. Esse cenário faz parte do cotidiano dos realizadores do cinema conhecido por itinerante, que consideram essa experiência uma forma de preencher uma lacuna cultural existente em algumas comunidades espalhadas por todo o Brasil e mais particularmente nas Regiões Norte e Nordeste.

O cinema itinerante em questão inclui projetos de exibição em espaços públicos abertos e realizados de preferência em comunidades onde não existem salas apropriadas à projeção de filmes. Nesses projetos, há um zoneamento dos locais (abertos ou não) em que os filmes são vistos por um público diversificado e popular, que, muitas vezes, tem o primeiro contato com o cinema ou relembra uma época em que frequentava salas de cinema com certa periodicidade.

Na caracterização do cinema itinerante, alguns aspectos devem ser observados para uma compreensão da logística e configuração deste tipo de exibição de filmes. Podemos dizer que a escolha do local da projeção, a movimentação em torno do local, o próprio comportamento do público, a escolha dos filmes projetados, a divulgação das sessões e a exibição dentro desse conjunto estão interligados de maneira singular. Cada sessão, no entanto, tem sua forma dentro de um contexto em comum.

Ao falarmos da configuração do cinema itinerante, podemos apontar o espaço de exibição como fator importante pelo novo uso e apropriação que se introduzem no local em que será realizada a sessão. Responsável por uma pesquisa sobre as sessões itinerantes de um cineclube na Região Sul do país, a pesquisadora Silva (2009, p. 89) tece considerações sobre o que designa como contexto situacional de recepção: “Uma sessão itinerante é uma apropriação de um lugar que não tinha sua origem destinada à exibição de filmes, mas que foi transformado”.

O espaço utilizado para a projeção geralmente se modifica momentaneamente para receber o público, com os aparatos necessários para a projeção, as cadeiras e a ausência da luz para tentar reproduzir mais proximamente uma sala de cinema



convencional. Essa configuração é um dos desafios para os que fazem esse tipo de cinema, uma vez que o movimento de carros e pessoas no entorno continua produzindo a percepção de que o cinema itinerante é algo passageiro, efêmero.

Há também um fator ritualístico diferenciador da sessão de cinema “tradicional”. Isso porque uma mostra itinerante possibilita um tipo específico de experiência de recepção de filmes. O ato de assistir a filmes em um espaço público torna-se uma experiência totalmente diferente. Assim detalha Silva (2009, p. 89):

Ali, as regras são outras, as pessoas circulam, conversam, dão risadas, a sessão promove o encontro e outra sociabilidade, o espaço adaptado e as relações entre os sujeitos parecem disputar a atenção com o filme que está sendo projetado.

Ainda dentro da configuração das sessões do cinema itinerante, o comportamento do público também se apresenta como peculiar desse cinema. Nas sessões itinerantes, a expectativa do público, que deixa o refúgio da sua casa e se desloca para o espaço público, fica evidente, pela movimentação no local, o burburinho antes do início da projeção e as frequentes conversas durante a exibição do filme. Essas são características que fazem parte da dinâmica de uma sessão de cinema aberta à comunidade.

Tendo realizado uma pesquisa sobre a realização de sessões itinerantes, Silva (2002, p. 13) argumenta que “o cinema não é só o filme. É também o lugar. Há práticas que se vinculam a esse espaço. Há maneiras de frequentá-lo”.

Outro aspecto singular das projeções de filmes em espaços abertos é a não obrigatoriedade do silêncio, tão valorizado nas sessões comerciais tradicionais. O burburinho das conversas paralelas e do movimento de carros e motocicletas ou outro tipo de som proveniente do local acabam por fazer parte e se tornar característicos desse tipo de cinema. Nessas sessões, os espectadores se sentem à vontade, riem, conversam, e até mudam de local no meio da sessão.

O espaço público destinado à projeção denota escolhas por parte do exibidor do cinema itinerante que vão incidir no resultado do evento. Esses locais podem ser uma praça pública, um ginásio, um clube, até mesmo um terreno baldio, desde que seja de localização central e de fácil acesso à comunidade. Analisando o conceito de espaço



público, Serpa (2007, p. 16) destaca as ideias de Hannah Arendt e Jurgen Habermas, propondo uma definição filosófica que identificamos nesta análise:

Na obra de Arendt, o espaço público aparece como lugar da ação política e de expressão de modos de subjetivação não identitários, em contraponto aos territórios familiares e de identificação comunitária. Já para Habermas, o espaço público seria o lugar *par excellence* do agir comunicacional, o domínio historicamente constituído da controvérsia democrática e do uso livre e público da razão.

Para uma compreensão do espaço público, Serpa (2007, p. 9) destaca que se deve concebê-lo como “espaço simbólico, da reprodução de diferentes ideias de cultura, da intersubjetividade que relaciona sujeitos e percepções na produção e reprodução dos espaços banais e cotidianos”.

Essa compreensão do espaço público se aplica aos usos e apropriações associadas aos projetos de cinema itinerante, na medida em que nesses locais há uma produção simbólica mediada pela experiência de assistir a filmes em um ambiente coletivo, aberto e compartilhado. É uma nova forma de exploração de um local que rotineiramente é compartilhado pela comunidade por motivos banais, como, por exemplo, no ato simples de passear numa praça. Com a realização da projeção, esse mesmo espaço adquire outra função: a de reunir a comunidade em função de um objetivo de compartilhar uma experiência de lazer, entretenimento e sociabilidade.

É notável que a integração social esteja presente no cinema itinerante, uma vez que as pessoas da comunidade se deslocam até o local da projeção num espaço aberto e lá compartilham a experiência da projeção cinematográfica coletivamente.

Em outra perspectiva, tratando dos limites entre o imaginário e o real e a interferência do cinema sobre eles, Turner (1997, p. 111) sustenta que “a dissolução das fronteiras entre o imaginário e o real faz parte do cerne da experiência do cinema”. Nas sessões itinerantes, essa dissolução também faz parte e contribui para a identificação do público com os filmes, principalmente, se for levada em consideração a escolha dos filmes, que, na maioria dos projetos, enfoca temas da cultura nacional e regional.

## Perfil das sessões itinerantes de cinema

Os exibidores itinerantes têm um perfil que mostra, de um lado, a vontade de realizar projeções de cinema em lugares distantes e para comunidades que não têm contato com a sétima arte, e, de outro lado, a persistência e o enfrentamento de barreiras que atrapalham a exibição. Essas barreiras, constantemente, fogem ao controle dos exibidores. Um exemplo seria a ausência de público decorrente de fatores climáticos como a chuva ou a concorrência com outros eventos culturais que possam por ventura estar ocorrendo em concomitância com a sessão de cinema.

O cineasta e produtor cultural Hermano Figueiredo, que realiza projeções itinerantes no Estado de Alagoas, através do projeto *Acenda uma Vela*, argumenta, em entrevista registrada através de documentário audiovisual sobre o projeto, que, algumas vezes, encontrou barreiras com a diminuição do público e numa dessas situações, por causa da chuva, a exibição ao ar livre numa praia do litoral alagoano aconteceu para um público reduzido de pessoas, e o exibidor teve que convidar o público a enfrentar a fina chuva que teimava em cair, mas depois não teve como continuar e cancelou a sessão<sup>3</sup>.

O não comparecimento do público à sessão aberta pode acontecer devido a outro fator que atrapalha a realização do cinema itinerante: a concorrência com um evento local marcado no mesmo horário da projeção. A comunidade tende a dar preferência ao evento programado com maior antecedência e/ou com o que está acostumada. Dessa forma, os exibidores tentam evitar a marcação das projeções em datas festivas, como, por exemplo, festas religiosas e, principalmente, comemorações que fazem parte do calendário cultural de cada cidade.

Frequentar a sessão comunitária de cinema ao ar livre se configura numa opção de lazer que, não raras vezes, serve de pretexto para outros encontros. Os espectadores, em vários momentos, ficam muito distantes da tela, ao redor, nas calçadas, em motocicletas estacionadas ao lado e até mesmo em pé assistindo os filmes. Nessas sessões, há vários pontos de distração no local que dispersam a atenção dos espectadores, a exemplo do movimento em volta, carros que passam na rua mais próxima e agitação das pessoas nas calçadas das casas que rodeiam o local de exibição.

---

<sup>3</sup> Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=UIVcddB4Mbs> >. Acesso em: 9 fev. 2010.



Há uma unificação emocional no momento da projeção, que contribui para que a participação de uma sessão de cinema se configure em um ritual. Nesse sentido, Silva (2002, p. 2) afirma que o que se passa “na sala escura do cinema guarda algo de ritualístico ou mágico em decorrência do sentimento que unifica emocionalmente a plateia, à maneira do que acontece numa cerimônia religiosa”.

Contrariando a ideia do ritual no ambiente do cinema convencional, o que acontece no cinema itinerante, na verdade, é uma quebra desse caráter de ritual: a partir do momento em que a exibição se configura num espaço aberto e sem regras, qualquer pessoa pode dele participar, e o silêncio jamais impera.

A exibição de cinema itinerante adquire um caráter de espetáculo, na medida em que é realizada com uma grande estrutura, com uma tela grande e todo o aparato de som e qualidade de imagem. Nesse sentido, a projeção eventual se torna o evento principal e ganha confiança do público, o que contribui para a presença dos espectadores no momento da exibição dos filmes.

O cinema itinerante realizado em alguns projetos no Brasil tem semelhanças com o cine-trem do cineasta Dziga Vertov, como bem lembra Luccas e Chavagnac (1982, p. 15):

O cine-trem do grupo do cineasta Dziga Vertov se deslocava em plena revolução russa levando o seu ‘cinema verdade’ para as populações do campo. O trem, além de sala de projeção, possuía ainda outros vagões que serviam como laboratório de cinema e sala de montagem.

No Brasil, as iniciativas de levar o cinema para as comunidades em que há poucas atividades de entretenimento cultural constituem uma prática crescente, principalmente na Região Nordeste, em que os espaços de exibição cinematográfica são mais reduzidos. Em cada um dos nove Estados, há iniciativas de projeções itinerantes de filmes, como veremos mais adiante.

Um projeto de cinema itinerante que pode ser considerado um dos pioneiros dessa prática no país é o Cinema Ambulante, do cineasta Celso Luccas, que percorreu o país em meados de 1979, exibindo o filme 25, dirigido pelo cineasta. Luccas e Chavagnac (1982, p. 17) descrevem a trajetória desse projeto no livro que leva o mesmo nome do projeto, com detalhes sobre os desafios da iniciativa:



Durante um ano abrimos uma nova trilha encurtando o caminho entre o cinema e seu público. Realizamos sessões de cinema em 35 cidades, apresentando o filme para as mais variadas plateias, usando como sala de projeção os espaços disponíveis de cada lugar, que iam desde as palafitas dos alagados periféricos aos finos teatros do tempo do imperador, passando por igrejas, salões, centros comunitários, praças públicas, salas de aula, auditórios, até discotecas, ambulatórios, quadras de esporte, etc.

Outro projeto semelhante que foi implementado no país com grande sucesso e ainda é realizado no Estado de São Paulo é o Cine Tela Brasil, coordenado pela dupla de cineastas Laís Bodansky e Luiz Bolongnesi<sup>4</sup>. Os cineastas começaram o projeto de cinema itinerante em 1996. No início, o projeto era denominado de Cine Mambembe e tinha o objetivo de viajar pelo interior do Brasil, exibindo, em praças públicas, filmes brasileiros que promovessem a cultura nacional.

## **Exibições itinerantes no Nordeste**

Na maioria dos Estados da Região Nordeste, há realização de projeções de cinema itinerantes mantidas por parte de instituições públicas e privadas, com o objetivo de suprir uma demanda cultural que é gerada, principalmente, pelo reduzido número de salas de cinema fora das capitais do país.

Um fator em comum nesses projetos é a forma como é promovido esse tipo de exibição: são geralmente patrocinados pelo Poder Público através de editais, ou pela iniciativa privada, fazendo parte das ações de responsabilidade sociocultural de tais instituições.

Para efeito desse artigo, apresentamos um breve levantamento da realização de projetos de cinema itinerante no Nordeste, realizado por meio de consulta a relatórios de projetos e pesquisa por meio da *internet*, em portais de instituições públicas e privadas, jornais e *blogs* sobre projetos de cinema itinerante na Região Nordeste. Esse levantamento mostrou que a realização de projetos se dá em todos os estados da Região. Alguns com periodicidade maior, outros com uma única realização, mas todos com o objetivo comum de levar cinema para comunidades de municípios que não dispõem de

---

<sup>4</sup>Respectivamente, diretora e roteirista de *O bicho de sete cabeças* (2000).

salas de exibição. É importante ressaltar que o referido levantamento teve como base o ano de 2010.

Com essas informações, buscamos traçar um perfil da realização dos projetos de sessões de cinema itinerante para o público nordestino, com o propósito de analisar o contexto e as especificidades do ambiente em que ocorrem essas projeções abertas à comunidade.

Em Alagoas, dois projetos são realizados com o objetivo de levar exibições ao ar livre. O primeiro é o projeto *Acenda uma vela*<sup>5</sup>, que realiza projeções de filmes em velas de jangada pelo litoral daquele Estado. O projeto é realizado pela produtora Ideário Comunicação e Cultura, com o patrocínio do Ministério da Cultura, através do Fundo Nacional de Cultura - FNC. O outro projeto que realizou exibições no estado foi o *Cine Sesi Cultural*<sup>6</sup>, realizado pelo Serviço Social da Indústria - SESI, que projetou filmes em espaços abertos de Municípios afetados pelas enchentes, na edição de 2010.

Na Bahia, é realizado o projeto *Janela Indiscreta Cine-Vídeo UESB*<sup>7</sup>, com atividades de cinema itinerante. O projeto é vinculado à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. As exibições, seguidas de debates, eram realizadas inicialmente no *campus* universitário, mas, com a ampliação das ações, o projeto ultrapassou os muros da UESB, e as exibições itinerantes se ampliaram para o público de distritos, povoados e cidades da Bahia.

No Ceará, também constatamos a realização de dois projetos significativos de exibição itinerante, sendo o *Cine Sesi Cultural* um deles. O outro projeto é a *Mostra Itinerante de Cinema*<sup>8</sup>, que percorre Municípios do interior do Estado e bairros da capital Fortaleza, exibindo filmes de curta-metragem.

No Maranhão, o único projeto de cinema itinerante realizado, chamado *Cine Liquigás em Ação*, fez parte de um programa da empresa distribuidora de gás Liquigás, que percorreu algumas capitais de estados nordestinos com exibições itinerantes em

<sup>5</sup> Ideário. Disponível em: <[www.ideario.org.br](http://www.ideario.org.br)>. Acesso em: 9 fev. 2010.

<sup>6</sup> O Jornal. Disponível em: <<http://www.ojornalweb.com/2010/09/10/cine-Sesi-leva-cinema-de-graca-para-cidades-atingidas-pelas-enchentes/>>. Acesso em: 16 out. 2010.

<sup>7</sup> Janela indiscreta. Disponível em: <<http://www.janelaindiscretauesb.com.br/o-janela-indiscreta/o-programa>>. Acesso em: 18 out. 2010.

<sup>8</sup> Portal da cultura. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2010/09/15/cinema-itinerante-atrai-estudantes>>. Acesso em: 24 set. 2010.

uma sala de projeção montada dentro de um caminhão. O projeto foi realizado no ano de 2010.

A realização de projetos de cinema itinerante na Paraíba se restringe a dois projetos: o *Cine Sesi Cultural* e o projeto *Alimentando a Cultura* da empresa Nestlé, que são realizados segundo um cronograma, sendo o primeiro com maior número de exhibições. Na edição de 2010, o Cine Sesi Cultural foi realizado em 14 municípios da Paraíba, no período de julho a outubro.

O projeto *Alimentando a Cultura*<sup>9</sup> foi realizado na Paraíba, em Pombal, de 1º a 4 de abril de 2010. No cronograma do projeto, Municípios de outros Estados também foram incluídos na programação das exhibições. Diferentemente do *Cine Sesi Cultural*, o projeto da Nestlé tem uma programação de menor duração, mas as características de exhibição são semelhantes em relação ao formato e estrutura de exhibição.

Em Pernambuco, segundo o levantamento realizado, foi detectada apenas a realização do *Cine Sesi Cultural*, que, na edição de 2010, levou suas exhibições a espaços públicos de 14 municípios do interior pernambucano, no intervalo de outubro de 2010 a fevereiro de 2011.

No Piauí, dois projetos foram realizados em 2010: o *(Re)ciclo de Cinema*, realizado pela empresa Tetra Pak, e o projeto *Cinema na Rua*, com exhibição de documentários de curta duração produzidos no estado, coordenado pela Associação Brasileira de Documentaristas do Piauí ABD-PI e Fundação Antares.

O primeiro passou por cerca de cem municípios das Regiões Sul e Sudeste e já percorreu mais de 80 cidades no Nordeste, atingindo Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Bahia e Maranhão. Além da mostra de filmes brasileiros em praça pública, o evento conta com apresentações sobre reciclagem e meio ambiente para os alunos de escolas municipais locais. O evento itinerante promoveu a exhibição gratuita de filmes nacionais em duas edições, em 2008 e 2010.

O projeto Cinema na Rua<sup>10</sup> ainda é considerado experimental por não dispor de aparelhamento de projeção suficiente para atender uma demanda grande de pedidos de exhibição. Para a realização de sessões itinerantes, o projeto conta com uma tela móvel

<sup>9</sup> Cá entre nós. Disponível em: <<http://omundocomoelee.blogspot.com/2010/04/projeto-alimentando-cultura-da-nestle.html>>. Acesso em: 23 abr. 2011.

<sup>10</sup> REGO, Eugênio. O cinema do Piauí vai às ruas. **Overmundo**. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/o-cinema-do-piaui-vai-as-ruas>>. Acesso em: 20 mar. 2010.



de 3m x 2m, um projetor, aparelhos de som e de DVD e uma arquibancada para cem pessoas.

Em Sergipe, o único projeto de cinema itinerante realizado é o Cine Sesi Cultural, coordenado pelo Serviço Social da Indústria. O projeto foi realizado em 41 cidades, atingindo um público de mais de 383 mil pessoas no Estado. O Cine Sesi Cultural tem o mesmo formato em todos os Estados em que é realizado: com projeção de filmes nacionais e documentários de curta duração, em três sessões realizadas a cada final de semana.

No Rio Grande do Norte, podemos citar três projetos de cinema itinerante de maior alcance, incluindo um público dos bairros da capital ou dos Municípios do interior do Estado. Os projetos são os seguintes: *Cinema na Rua*, *Mostra Goiamum Audiovisual* e o *Cine Sesi Cultural*, também realizado noutras Unidades Federativas.

O projeto *Cinema na Rua*, que atualmente está desativado, era promovido pelo Núcleo de Arte e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com exibições de cinema nos bairros de Natal e em alguns municípios da Região Metropolitana de Natal - RMN, como Macaíba e São Gonçalo do Amarante. As projeções eram sempre de filmes nacionais e havia discussões após as sessões.

Outro projeto de cinema itinerante que aconteceu no estado e pode ser resgatado aqui é a *Mostra Goiamum de Cinema nos Bairros*. Este projeto faz parte de um evento maior chamado Goiamum Audiovisual, que acontece desde 2008 em Natal, reunindo uma programação específica da área audiovisual, com destaque para as discussões em torno da produção e exibição de produtos audiovisuais regionais.

O terceiro projeto é o *Cine Sesi Cultural*, realizado pelo Serviço Social da Indústria - SESI, que continua ativo e tem dimensão e repercussão nacional. Esse projeto é realizado através de exibições de filmes de ficção e documentários de longa e curta metragens, nacionais e estrangeiros. Em 14 municípios do Rio Grande do Norte, o projeto proporciona anualmente o acesso ao universo do cinema, através de projeções em praças públicas, vistas pelas populações excluídas das salas de cinema, seja por condições geográficas adversas, seja por razões de hipossuficiência. Esses Municípios são escolhidos a cada edição do projeto.

### **Considerações finais**

Um dos fatores que constitui o cinema itinerante é o incentivo à formação de plateia. Aqui não nos referimos àquela assídua, que frequenta as salas de cinema, e sim àquela que descobre o cinema através de uma experiência coletiva em uma praça da cidade onde reside, com o despertar da vontade de conhecer e participar desse evento.

Nos projetos de cinema itinerante em atividade no país, as projeções são compostas por filmes nacionais e estrangeiros, geralmente hollywoodianos, embora a predominância seja mesmo de títulos do cinema nacional. Esse fato tem relação com a tentativa, dos exibidores, de aproximar o público do cinema produzido no país, contribuindo para uma percepção de outros tipos de filmes, a que o público da comunidade em que se realiza o cinema itinerante raramente assiste, já que o cinema nacional tem espaço restrito na televisão aberta.

Nas sessões realizadas no interior do Nordeste, a temática dos filmes, na maioria das vezes, é regional, baseada na cultura do povo nordestino, que vê projetada na tela a reprodução de aspectos vivenciados no dia a dia.

Com relação ao formato de recepção cinematográfica, o público do cinema itinerante não pode ser comparado ao do cinema comercial, nem tampouco com os espectadores de cineclubes. Há um abismo entre esses públicos que se destaca, principalmente, pelo local onde ocorrem as projeções, a forma de organização dos exibidores e de recepção dos filmes.

Analisando o perfil dos exibidores itinerantes, verificamos de um lado a iniciativa de realização de projeções de cinema para comunidades que não têm contato com a sétima arte e, de outro, o enfrentamento de barreiras que atrapalham a exibição e que, diversas vezes, fogem ao controle dos exibidores.

Podemos afirmar, portanto, que entre muitas barreiras a principal é a diminuição do público decorrente de fatores climáticos como a chuva, uma vez que a projeção é feita num local aberto. Porém a característica principal que permeia a maioria das iniciativas realizadas na região Nordeste é a dificuldade em dar continuidade às sessões, que não mantêm uma periodicidade, e acaba frustrando o público espectador. Nesse sentido, o trajeto que os exibidores itinerantes vem seguindo esbarra na escassez de

políticas públicas para uma efetiva implementação de projetos de exibição cinematográfica no país, principalmente na região Nordeste.

## Referências

BATISTA, Josenildo et al. **TV Pipa: documentando a história de um povo.**In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 10., 2008, São Luís. **Anais...** São Luís: Intercom, 2008.

CANCLINI, Néstor García. Consumo, acesso y sociabilidad. *In: Comunicação, mídia e consumo*, São Paulo, v. 6, n. 6, p. 111-127, jul. 2009.

\_\_\_\_\_. **Leitores, espectadores e internautas.** São Paulo: Iluminuras, 2008.

\_\_\_\_\_. **Consumidores e cidadãos.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

CHARNEY, Leo; SHWARTZ, Vanessa R. (Orgs.). **O cinema e a invenção da vida moderna.** São Paulo: Cozac e Naif, 2001.

DATAFOLHA. **Hábitos de consumo no mercado de entretenimento.** São Paulo: Instituto de Pesquisas Datafolha, 2008. Pesquisa realizada para o Sindicato das Empresas distribuidoras cinematográficas do Município do Rio de Janeiro. Disponível em:

<[http://sedcmrj.locaweb.com.br/pesquisa/pesquisa\\_habitos\\_consumo\\_agosto2008.pdf](http://sedcmrj.locaweb.com.br/pesquisa/pesquisa_habitos_consumo_agosto2008.pdf)>. Acesso em: 25 ago. 2009.

FÓRUM DOS FESTIVAIS – Fórum Nacional dos Organizadores de Eventos Audiovisuais. **Diagnóstico Setorial 2007 – indicadores 2008.** Lançado em 2007. Disponível em: <[www.forumdosfestivais.com.br](http://www.forumdosfestivais.com.br)>. Acesso em: 15 jul. 2009.

GATTI, André Piero. **A exibição cinematográfica: ontem, hoje e amanhã** [recurso eletrônico] São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2007. 80 p. em pdf. Disponível em: <<http://www.centrocultural.sp.gov.br>>. Acesso em: 25 jan. 2010.

GOMES, Fernanda. Palmas para o espectador: reposicionamentos e mudanças comportamentais na recepção das imagens. In: PAIVA, Samuel; CÁNEPA Laura; SOUZA, Gustavo (Orgs.) **Estudos de cinema e audiovisual– SOCINE.** São Paulo: Socine, 2010.

LUCCAS, Celso; CHAVAGNAC, Beatrice. **Cinema ambulante.** São Paulo: Global, 1982.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura.** São Paulo: Loyola, 2002.

- MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Campinas: Papirus, 2006a.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. **Cultura em números: anuário de estatísticas culturais 2009**. Brasília: Minc, 2009. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br>>, acesso em: 10 set. 2010.
- PAIVA, Samuel; CÁNEPA Laura; SOUZA, Gustavo (Orgs.) **Estudos de Cinema e Audiovisual – SOCINE**. São Paulo: Socine, 2010. Disponível em: <[http://www.socine.org.br/livro/XI\\_ESTUDOS\\_SOCINE.pdf](http://www.socine.org.br/livro/XI_ESTUDOS_SOCINE.pdf)>. Acesso em: 8 ago. 2011
- PEIRANO, Marisa. **Rituais. Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- SÁ-EARP, Fábio. O espectador eventual: notas sobre a demanda por cinema no Brasil. **Políticas culturais em revista**, v. 1, n. 2, p. 77-87, 2009.
- SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.
- SILVA, Dafne Reis Pedroso da. Exibições Itinerantes de cinema: uma análise do contexto situacional de recepção das mostras organizadas pelo Cineclube Lanterna Aurélio. In: **Sessões do imaginário**, v. 22, p. 88-97, 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/6476/4706>>. Acesso em: 12 abr. 2010.
- SILVA, Josimey Costa da. O encontro no cinema: mídia e vínculo social. In: BAITELLO JUNIOR, Norval et al. (Orgs.). **Os símbolos vivem mais que os homens: ensaios de comunicação, cultura e mídia**. São Paulo: Anna Blume, 2006. p. 217-226.
- SILVA, Josimey Costa da. O cinema como fronteira entre a comunicação massiva e uma sociabilidade comunitária. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN – ALAIC, 6., 2002, Bolivia. **Anais...** Bolivia: ALAIC, 2002. p.
- TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.